

Martins Fontes – médico e poeta

***Ademir Pestana**

Senhoras e senhores, muito boa noite!

Neste momento estou muito honrado, emocionado e bastante apreensivo.

Honrado por ter sido distinguido pela presidente da Academia Santista de Letras, Senhora Maria Araujo para essa saudação.

Emocionado, porque este evento tem muito a ver com a Beneficência Portuguesa que foi escolhida pelo homenageado para trabalhar como médico e para sua ultima passagem por este plano e por ser ele, considerado o melhor poeta de sua geração na lusofonia, e um dos dez melhores na língua portuguesa;

Os outros nove são Camões, Bocage, António Nobre, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, Castro Alves, Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira.

E ... estou enormemente apreensivo porque sou um simples mortal, humilde contabilista que de grandioso tem apenas a função de estar presidente desta Casa e de estar vereador à Câmara Municipal de Santos. Mesmo assim fui apontado para saudar a memória de um dos mais importantes representantes da pura arte poética: Martins Fontes.

Muito apreensivo porque além de saudar Martins Fontes, o farei diante de uma plateia, grande parte formada por notáveis que fazem da poesia um libelo em prol da harmonia e do fortalecimento do elo entre o físico e o espírito, como ressaltava o homenageado.

Não é tarefa fácil falar para plateia tão seleta, na qual todos, independentemente do grau de familiaridade com a poesia, são notáveis.

Confesso que encontrei dificuldades para definir por onde começar.

Afinal José Martins Fontes escreveu nas páginas da história de Santos, do Brasil e do mundo afora, as mais belas letras e deixou os mais notáveis exemplos como profissional dedicado à medicina e como ser humano que amou e respeitou o próximo como a si mesmo.

Homem do sol! Poeta Coração! Poeta Mor! Vulcão de Santos e Poeta das Flores, assim, Martins Fontes era chamado pelos amigos e admiradores.

Poeta brasileiro, nascido por volta das 17h30, de 23 de junho de 1884, na casa da família que ficava na Praça José Bonifácio, Martins Fontes é um exemplo do dito popular “*que sai aos seus não degenera*”.

Filho de uma referência na Medicina e nas Letras, o médico sergipano Silvério Martins Fontes que logo após a conclusão do curso decidiu exercer a profissão em Santos, o nosso homenageado Martins Fontes desde a mais tenra idade demonstrava aptidão para a oratória.

Também pudera, seu pai, além de médico, era jornalista e sociólogo que reunia em sua casa, uma chácara na Praça José Bonifácio, bem ao lado do Teatro Coliseu, uma plêiade de intelectuais, republicanos e abolicionistas.

Sua mãe, dona Isabel Martins Fontes, conhecida como um poço de bondade e grande incentivadora dos arroubos do homenageado rumo ao mundo das artes, como todas, ou

pelo menos, como a maioria das mães, na pré-adolescência do nosso homenageado, chegava a esconder as anotações do jovem e sonhador chamado carinhosamente àquela época de Zezinho Fontes, para que o pai, Dr. Silvério Fontes não se aborrecesse.

Afinal, o pai sempre lhe dizia que poesia não pagava as contas e que para alimentar essa paixão pela arte era necessário ter uma profissão, um trabalho que lhe rendesse possibilidade de dedicar algumas horas de seu tempo aos amigos e às coisas das quais gostava, como ele mesmo fazia reunindo os intelectuais, republicanos e abolicionistas em sua chácara.

E dizia mais, que esse tempo de prosa deveria ter outros objetivos além da simples descontração. Deveriam ser momentos de troca de experiências, de vivência com o objetivo de colaborar para com uma sociedade melhor.

As comemorações por ocasião da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República em 1888 e 1889, respectivamente, deixaram na memória de Martins Fontes, o eco da alegria que subitamente tomou conta das pessoas que ganharam as ruas cantando, dançando...

Zezinho Fontes nessas ocasiões tinha apenas 4 e 5 anos, mas as comemorações foram marcantes porque os intelectuais que se reuniam na casa de seus pais, conhecida como a chácara dos Martins, foram tomados de grande euforia, e a alegria estampada no rosto de seu pai, Dr. Silvério Fontes, diria anos mais tarde a Olavo Bilac, ficaram para sempre gravadas em sua memória.

É possível que estas lembranças tenham influenciado sua maneira de ser e de viver sempre alegre. Além do incentivo da mãe, sua avó materna, Dona Josefina Olímpia Aguiar de Andrade Martins dos Santos, também o incentivava a escrever, sendo que os primeiros versos, quando tinha de 6 para 7 anos foram dedicados à ela.

A primeira vez que Zezinho falou para uma platéia além dos familiares, foi aos 8 anos de idade, quando seu pai inaugurou o Centro Socialista. Foi um sucesso e logo o garoto bom de oratória ganhou a admiração, inclusive, dos adultos.

Nessa época publicou seus primeiros versos num jornalzinho denominado "A Metralha" dando os primeiros sinais do grande poeta que iria ser durante sua vida. Deste jornal foram publicados 9 números aos domingos e cujo cabeçalho em três cores era feito por seu avô, o coronel Francisco Martins dos Santos.

Apesar de perceber no filho o dom da oratória, Dr. Silvério Fontes, muito cedo começou a incentivá-lo a fazer Medicina. Por dedicar ao pai, grande admiração, Zezinho atendeu ao seu apelo e jovenzinho foi cursar a Faculdade de Medicina.

E foi lá, no Rio de Janeiro, que sua veia poética deslanchou com o apoio de seus ídolos, entre eles, Olavo Bilac. Enquanto cursava a Faculdade, passou a escrever para jornais e revistas.

Concluiu a Faculdade de Medicina em março de 1908. Havia se tornado médico sanitarista.

Foi interno da Santa Casa do Rio de Janeiro, auxiliar de Oswaldo Cruz, com quem lutou junto em defesa sanitária da cidade de Santos. Depois de formado foi médico da Santa Casa de Misericórdia de Santos, desta Beneficência Portuguesa de Santos do Hospital

do Isolamento, e foi Diretor do Serviço Sanitário. Integrou a Comissão das Obras do Alto Acre, Também foi médico da Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, da Companhia Segurança Industrial, da Companhia Brasil, da Repartição de Saneamento e da Casa de Saúde de Santos.

Em 1914 mudou-se para Paris, e lá fundou, com Olavo Bilac, uma Agência Americana para serviços de propaganda dos produtos brasileiros na Europa e em outros países.

Ele que recitava o amor, até os 30 anos não havia se ligado a uma pessoa, embora fosse um dos solteiros mais cobiçados. Foi quando numa viagem à Europa, acompanhando uma senhora que precisava de cuidados médicos, se enamorou da filha da paciente, a bonita, delicada e decidida Nicota.

Segundo os relatos não houve paixão, apenas afinidade em virtude da convivência muito próxima, tanto que ele não pensou duas vezes para deixar a Europa e voltar para o Brasil, tão logo foi deflagrada a primeira guerra mundial.

De volta a Santos, encontraria seu verdadeiro amor, sua alma gêmea, a jovem Rosa Marques de Moraes, filha de espanhóis que residiam na capital e que não aprovavam o namoro, sendo que os principais empecilhos eram a diferença de idade: Martins Fontes na época estava com 32 anos e a jovem com apenas 14 anos e o fato dele ser casado, embora estivesse separado (não oficialmente).

Para provar seu amor por Rosa e mostrar suas reais intenções aos pais da jovem, foi à Europa em busca do desquite. Conquistada a separação oficial, conseguiu convencer os pais de Rosinha como ele chamava a amada, a aceitarem o relacionamento de ambos que passaram a viver juntos numa cumplicidade e harmonia que duraram até sua morte.

O amor venceu a resistência dos pais de Rosa.

A fama de Martins Fontes já havia ultrapassado as fronteiras e em 1917 ao lançar seu primeiro livro “Verão” que fora escrito 16 anos antes do lançamento, pode ter a certeza que estava no caminho certo e era chegada a hora de conciliar poesia e medicina.

Durante a epidemia de gripe de 1918 tornou-se um dos beneméritos da cidade, desdobrando-se para socorrer os bairros do Macuco e Campo Grande. Como médico, notabilizou-se como conferencista e foi tisiologista da Santa Casa de Misericórdia de Santos e destacado humanista. Em seu consultório particular, praticava a verdadeira filantropia tratando de pessoas de baixo ou de pouco poder aquisitivo, não cobrando as consultas.

Em 1924 tornou-se correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Devido ao seu trabalho como conferencista conheceu o Brasil de norte a sul, e ainda a Argentina, Uruguai, Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha, Itália e Portugal.

Foi colaborador de diversos jornais.

Sua obra literária é volumosa, chegando a mais de setenta títulos publicados, em poesia e prosa, além de algumas de caráter científico. Atualmente estas obras (poesia e prosa) são editadas em Portugal, sob coordenação de seu biógrafo oficial, Rui Calisto.

Ao longo de sua vida, recebeu os títulos de comendador da Ordem de São Tiago da Espada, Cavaleiro da Espanha, Par da Inglaterra entre outras condecorações. É patrono da cadeira n.º 26 da Academia Paulista de Letras e da cadeira de número 17 do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

Morando aqui, ao lado, na Rua Joaquim Távora, 268, o médico e poeta tinha muita facilidade para encontrar seus pacientes ou percorrer silenciosamente, os corredores vazios no período da noite.

Esta proximidade facilitou seu encaminhamento à Beneficência, quando em busca do descanso eterno e apesar de todos os esforços, veio a falecer, vítima de uma infecção que calou sua voz no vigor da idade, aos 53 anos.

Morreu na cidade natal e está ali sepultado, no Cemitério de Paquetá

Como conta a poetisa e escritora Edith Pires Gonçalves Dias, no dia 18 de junho de 1937, um sábado após ter solicitado ao seu barbeiro que extraísse um pêlo

Encravado abaixo do pescoço, iniciava o processo de despedida desta vida.

E foi um processo doloroso, tanto pela infecção, quanto pelo medo de morrer. Segundo a escritora, ele tinha verdadeiro horror à morte.

Apesar da gravidade de seu estado, o médico e poeta que dedicara a vida profissional à cuidar da saúde das pessoas, não queria ir para o hospital, ficando por quase uma semana, sofrendo em casa, até que após a chegada de uma junta médica da Capital, concordou em ser transferido para o hospital. Este hospital, e aqui no 2º andar, no quarto 32, rodeado de médicos amigos viu fechar a janela que lhe permitia dedicatórias poéticas às flores, às pessoas, à vida.

E no dia 25 de junho de 1937, após o desenlace, seu corpo foi velado neste Salão Nobre, onde por horas a fio desfilou uma imensidão de admiradores.

Ao deixar esse salão, seu corpo foi acompanhado por uma imensidão maior ainda de pessoas que não acreditavam que aquele homem predestinado a irradiar luz pelos locais por onde passava estava morto.

Serpenteando pelas ruas de Santos, daqui da Beneficência Portuguesa até o Cemitério do Paquetá onde foi sepultado, a multidão chorava e rezava por Martins Fontes, figura notável, poeta impar, médico competente e dedicado, ser humano exemplar que fez do amor ao próximo, seu lema de vida eternizado no título de um de seus sonetos “*Como é bom ser bom*”.

Emocionado e agradecido, só posso encerrar esta minha fala dizendo à senhora, dona Maria Araújo, muito obrigado por esta oportunidade, lamentando apenas não ter a veia poética para entoar com todo o meu coração a frase que para mim é um mantra: **Como é bom ser bom!**

***Discurso do presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, Ademir Pestana, na abertura da 7ª Semana Martins Fontes, realizada no último dia 17, no Salão Nobre do hospital. O evento que prossegue até sábado (23) em diversos locais (ver programação nesse site) é uma realização da Academia Santista de Letras de Santos e da Secretaria Municipal de Cultura de Santos.**